

Elizabeth Adler

UMA CASA NO CAMPO

Tradução
Eugénia Antunes

*Quinta Essência**

Primeira Parte



CAROLINE EVANS tirara o dia e deixara para trás o seu apartamento arrendado em Londres para conhecer o condado de Oxfordshire na companhia da filha de quinze anos, que seguia num silêncio amuado a seu lado no carro.

Tinham acabado de visitar Oxford, com as suas torres coroadas de flechas, que parecia ter mais trânsito que uma autoestrada em hora de ponta, para além de milhares de jovens a fumar e a beber café e a conviver à porta dos *pubs*. Issy ignorara tudo isso, mas Caroline adorara os pátios e as antigas faculdades meio escondidas por detrás de portões altos, que já ali estavam quando o rei Henrique VIII subira ao trono. Caroline decidira então que o rei não devia ser assim tão mau como o pintavam, apesar das seis mulheres que tivera. Afinal de contas, o seu marido tivera duas e isso fora antes de casar com ela.

«Um marido em série», comentara Caroline, num tom duvidoso, quando James afirmara que pretendia desposá-la, embora ansiasse por dizer que sim, pois estava tão perdida de amores por ele que nem conseguia ver bem, mesmo com óculos.

James Evans encantava toda a gente e até seria, sem dúvida, capaz de encantar serpentes. Caroline lembrava-se de ter pensado que as duas últimas mulheres não tinham qualquer importância, que ela seria a última, a derradeira. Fora o que

James lhe afiançara também. E ela acreditara nele. Tinha vinte e dois anos.

Dezasseis anos mais tarde, passara de mulher a ex-mulher e tinha uma filha adolescente chamada Isabel, que toda a gente tratava por Issy, e que havia dias em que falava com a mãe e outros que não. Issy saía ao pai e Caroline suspeitava que ela fumava. Todavia, ainda não tinha nenhuma tatuagem, pelo menos num local que a mãe visse.

– Oxford está bastante diferente de quando eu era miúda – disse Caroline, conduzindo o velho *Land Rover* para fora da cidade, para a A40, e rumo a Cheltenham, embora não tivesse nenhum destino especial em mente.

– É óbvio. Isso já foi há uma eternidade. Tens trinta e oito anos. – Issy virou a cabeça e observou a mãe. – Devias usar batom. E rímel – acrescentou.

Caroline suspirou, recordando uma altura, não assim há tanto tempo, em que a filha a achava perfeita e a melhor mãe do mundo. Remexeu na mala em busca do batom, mas Issy proibiu-a de pintar os lábios enquanto conduzia. Dir-se-ia que não fazia nada bem.

– Maldita chuva – reclamou Issy, fitando os limpa-para-brisas que empurravam a chuva para um lado e para o outro do vidro do jipe.

Caroline olhou de relance para a filha e depois avistou a placa que indicava Burford e guinou à direita para uma das mais bonitas aldeias medievais das Cotswolds. Ladeada de pequenas lojas que vendiam recordações e postais, mas também de galerias e lojas de antiguidades, padarias e casas de chá, a rua principal era um dos cartões de visita da aldeia. Entretanto encharcadas, as árvores não serviam de abrigo aos poucos e intrépidos cidadãos que contornavam as poças e estugavam o passo em busca de refúgio daquele aguaceiro.

Caroline travou ao ver um carro fazer marcha atrás na sua direção.

– Olha, temos aqui um lugar para estacionar. Estávamos destinadas a parar aqui. Vamos tomar um chá.

Com um profundo suspiro e de ombros arqueados, Issy saiu do carro e deixou-se ficar à chuva, com um ar totalmente impotente e derrotado na sua nova parca *Marks & Spencer*, a observar a mãe com alguma compaixão. A chuva alisava-lhe o cabelo castanho e o seu olhar revelava tristeza. Assim era desde que, há um ano e meio, tinham abandonado Singapura e Caroline já não sabia o que fazer em relação a isso.

Agarrou na mão da filha com força e atravessou a rua a correr em direção à primeira casa de chá que encontrasse. Enquanto subiam as escadas e se acomodavam na última mesa disponível, não era no lanche que ambas iam tomar que Caroline pensava, mas em James, interrogando-se, como tantas vezes acontecia, se fizera a coisa certa ao deixá-lo.

– Mãe, vou até lá abaixo dar uma vista de olhos pela loja.
– Tinham acabado de sentar-se e Issy levantou-se de novo.

O salão de chá ficava por cima de uma loja que vendia *souvenirs* e bugigangas.

– Está bem – disse Caroline.

O lanche chegou numa bandeja de plástico decorada com as aves da região trazido por uma rapariga não muito mais velha que Issy, mas que, pelo menos, lhe sorria e educadamente lhe perguntou se tinha pedido *Earl Grey*.

Caroline confirmou e a rapariga pousou o tabuleiro, dispôs as bonitas chávenas floridas frente a ela e indicou o suporte para bolos de dois andares recheado com uma seleção de pequenos bolos, *éclairs*, tartes de fruta e pãezinhos doces. Havia ainda uma tigela de doce de morango e outra de natas tão espessas que seguravam a colher de pé.

– Perfeito, obrigada.

Caroline deu por si a sorrir ao mesmo tempo que vertia o chá para a pequena chávena florida. Fora educada em Londres, uma rapariga inglesa que casara e fora viver para Singapura com

um marido que amava, uma filha que adorava e uma bonita *penthouse* com vista para o rio e para a cidade com as suas tremeluzentes luzes noturnas.

– O melhor dos dois mundos – referiu James quando viram a casa pela primeira vez.

Eram recém-casados, ele um americano com trinta e poucos anos, um bem sucedido investidor em fundos de retorno absoluto e tão atraente e encantador que nem precisava de uma *penthouse* para se sentir no topo do mundo. E ela estava tão cega pelo amor e pelo sexo que nem via mais nada.

Isso fora no passado. No presente era um dia chuvoso em Burford e estava num pequeno salão de chá com a filha, que regressava finalmente, subindo as escadas dois degraus de casa vez. Sentou-se, pegou num scone, cortou-o ao meio, barrou uma das metades com doce e uma colherada de natas espessas, levou-a inteira à boca e pegou no telemóvel para enviar uma mensagem.

A quem se destinava, Caroline não sabia. Pegou também num scone e sorriu.

– São espetaculares – comentou num tom esperançoso.

– Sim.

Os polegares de Issy voavam sobre as teclas, mas Caroline reparou que ela também a observava ao mesmo tempo que se debatia para colocar natas em cima do esboroante scone sem que este se desfizesse nas suas mãos.

– Devias parti-lo em dois – informou-a Issy.

– Já pareces a minha mãe – resmungou Caroline, fazendo Issy sorrir. Era o primeiro sorriso que Caroline via em todo o dia.

– Toma, é para ti. – Issy empurrou um pequeno embrulho cor-de-rosa por cima da mesa.

– *A sério?* Para mim?

– Foi o que eu disse, não foi?

Desviou o olhar e Caroline percebeu que a filha se sentia envergonhada e achava que a mãe estava a ser demasiado espalhafatosa, chamando a atenção de toda a gente.

– Um presente – disse ela, abrindo o papel de seda. – Oh, Issy, tão bonito.

Era uma pregadeira minúscula, de má qualidade, mas mesmo assim amorosa. Passou o dedo sobre a prata falsa. Estimaria para sempre aquela prenda.

– Um pequeno pássaro, a voar – comentou Caroline.

– Um bocado como nós. Pássaros a voarem, nunca pousando em lado nenhum.

– Referes-te ao facto de já não termos uma casa só nossa?

– Caroline sentiu o mesmo aperto de sempre no coração. – Em breve arranharemos uma, prometo.

Soava muito mais confiante do que na realidade se sentia. O dinheiro era pouco, no mínimo. Quando casara com James era muito jovem e inexperiente e assinara aquele acordo pré-nupcial. Assim, com o divórcio, e ao fim de dezasseis anos de casamento, tudo o que conseguira fora uma pequena quantia em dinheiro e uma pensão de alimentos até Issy completar dezoito anos.

Olhou em redor do pequeno salão de chá para os restantes comensais; eram pessoas comuns com as suas gabardinas e parcas penduradas nas costas das cadeiras, secando ao calor do comprido irradiador branco preso à parede sob as janelas embaciadas. «Pessoas com vidas delineadas, estabelecidas, com uma rotina», pensou Caroline, «e provavelmente sem uma única preocupação no mundo enquanto desfrutam dos seus chás e conversam sobre a chuva, como é costume dos ingleses, pois a chuva é uma constante.»

– Vá, come o último *éclair* de chocolate – ordenou, com vivacidade, recompondo-se. – Depois metemo-nos no jipe e vamos ver mais um pouco das Cotswolds.

Issy respondeu-lhe com aquele encolher de ombros típico de uma adolescente entediada com o mundo.

– Como queiras – afirmou e Caroline encarou a resposta como um sinal de assentimento.

2

DE VOLTA AO CARRO, ligou o aquecimento e os limpa-para-brisas e desceu a rua principal, passando a pequena ponte que atravessava o rio Windrush, ali mais estreito e castanho, embora corresse apressado naquele dia chuvoso.

Issy nem sequer olhou. Não parecia interessada em nada acerca daquele fim de semana. Odiara o hotel, pequeno e modesto, onde se tinham instalado. No anúncio, Caroline vira a imagem a preto e branco de uma pitoresca casa de madeira e deixara-se encantar. Porém, o hotel revelara-se bem diferente, evidenciando um ambiente lúgubre que lhe deu vontade de fazer o *check-out* mesmo antes de terem feito o *check-in*. O único aspeto favorável era o preço.

Uma mulher de ar cansado e completamente desinteressado estendeu-lhes a chave e, ignorando o aquecedor a gás na minúscula «sala de estar», Caroline carregara a sua mala escada acima, seguida de Issy a arrastar o seu saco.

– Há de ser adorável – dissera Caroline, com um sorriso esperançoso, abrindo a porta do quarto e espreitando lá para dentro.

Havia duas camas estreitas com colchas verdes a imitar seda e cobertores fininhos que prometiam pouco aquecimento. As almofadas, apenas uma para cada cama, tinham fronhas de

poliéster verde desbotado. Uma mesa com um tampo de plástico castanho e uma única gaveta fazia as vezes de mesa de cabeceira para ambas as camas. Em cima dela estava o candeeiro mais pequeno que Caroline alguma vez vira. Ler na cama seria impossível, a menos que segurasse o candeeiro junto ao nariz. Para além disso, o candeeiro de teto tinha um quebra-luz ridículo que deixava a lâmpada de fora, encandeando os ocupantes do quarto. Das paredes desprendia-se uma humidade fria, típica de uma divisão que há muito não era usada.

– Que porcaria! – exclamou Issy, sem sequer pousar o saco.

– Também não é assim tão mau – respondeu Caroline, mas sabia que o quarto era horrível.

– Mãe! – reclamou Issy. – Voltemos para Londres.

Caroline reparou que a filha não dissera «Voltemos para casa».

Pensou por um minuto. Pagara adiantado e não tinha dinheiro para reservar outro quarto num outro hotel. De qualquer forma, era fim de semana e Oxford e arredores estariam certamente sobrelotados. Da última vez que ali estivera, há uma eternidade, dir-se-ia, tinham ficado no Randolph, um hotel do século XIX, confortável, acolhedor e que transmitia uma inegável sensação de pertença. Por mais que não quisesse, imagens da sua vida passada não paravam de lhe vir à memória. Sabia que o mesmo sucederia com a sua filha. Aquela esplanada era o fim da linha. Não podiam ficar ali de maneira alguma.

Agarrou na mala, acenou com a cabeça e disse:

– Tens razão, vamos embora. Mas não podemos simplesmente dar meia volta e rumar a Londres. Aproveitemos para dar um passeio pelas redondezas. Regressamos a casa no final do dia, quando o trânsito melhorar.

Issy colocara o saco ao ombro e dirigira-se às escadas. Não havia ninguém ao balcão no minúsculo vestíbulo, por isso Caroline limitou-se a deixar a chave e saíram porta fora.

E fora desta maneira que, várias horas mais tarde, tinham acabado a tomar chá em Burford e se encontravam entretanto a passear pelas Cotswolds enquanto Issy trocava mensagens com as amigas que deixara em Singapura quando a mãe a desenraizara, transformando-a numa «deslocada», como ela agora se autoapelidava.

A familiar sensação de culpa envolveu Caroline.

Virou para uma estrada secundária, passando por uma casa senhorial com enormes portões de ferro forjado e leões rampantes a encimar as coiceiras. No campo mais à frente um rebanho de ovelhas pastava a erva chicoteada pelo vento. Caroline nunca vira ovelhas com um ar tão triste e encharcado, mas, pensando bem, também nunca se interessara muito por ovelhas; talvez tivessem sempre um ar tristonho, secas ou molhadas. As vacas viraram as cabeças, surpreendidas, quando Caroline travou de repente, com tanta força que Issy foi impelida para a frente e deixou cair o *iPhone* que o pai lhe comprara quando era ainda considerada sua filha.

– Desculpa – disse Caroline, saindo do carro de olhos cravados na tabuleta fixada junto a um velho celeiro em pedra, mesmo na margem do rio. Dizia: «Vende-se.»

Não foi «amor à primeira vista».

– OH, MÃE – resmungou Issy naquele tom que Caroline reconheceu como querendo dizer «que raio estamos aqui a fazer?». E por que raio estavam ali? Ao vento e à chuva em Inglaterra quando podiam ter ficado em Singapura com James, onde tinham uma boa vida.

Ajeitou melhor o cachecol de lã que colocara na cabeça, tirou os óculos de armação encarnada que usava (era tão pitosga que não via para além do seu nariz) e secou-lhes as lentes com um lenço de papel. Verdade fosse dita, não tinha resposta para aquela pergunta. Um campo enlameado com ovelhas encharcadas e vacas com um ar enregelado não correspondia nem um pouco à imagem fantasiosa que a Disney projetava sobre a vida campestre em Inglaterra. O sol sempre iluminara o seu passado em Singapura. E, quando chovia, as nuvens abriam-se com a força de uma monção durante umas horas e depois o céu azul e a brisa morna regressavam, secando os rios em que as ruas se haviam transformado, trazendo de volta as coloridas tendas dos mercados e as fragrantas bancas ambulantes de comida com as suas tentadoras massas e carnes grelhadas, os camarões preparados ao estilo chinês e os caris malaios. Era possível comer em qualquer banca ambulante em Singapura e ficar com a sensação de que se desfrutara da melhor refeição da

nossa vida. De repente, o chá e os scones ingleses pareceram-lhe um fraco substituto.

– Eu acho-o encantador – respondeu ela, tentando parecer o mais animada possível.

Estaria *doida*? Parecia um celeiro em pedra, que já vira melhores dias, atolado na margem de um rio enlameado. A seu lado, a triste e solitária árvore de folhas castanhas era a única coisa que suavizava os contornos duros, retangulares e utilitários do celeiro.

– Está à venda. Talvez devêssemos dar uma vista de olhos – acrescentou.

– Porquê?

Issy colocava em voz alta a pergunta que Caroline sabia que devia estar a fazer a si mesma. Por vezes, Issy era tão parecida com o pai que era de cortar a respiração. Aqueles olhos cavadinhos, a ruga entre as sobrancelhas, o nariz muito direito, quase agressivo. A boca, contudo, herdara-a da mãe. Não que fosse um traço fisionómico muito lisonjeiro: um pouco larga de mais, um pouco cheia de mais, e demasiado vulnerável. A sua filha não era verdadeiramente «bonita», pelo menos por enquanto; pernas escanzeladas, semblante carregado e cabelo castanho comprido e pingüço era o que a caracterizava. Um dia, porém, talvez viesse a ser bonita, quando se livrasse daquela atitude e daquele ar de cachorro triste. Olhando para ela, Caroline foi de repente acometida por uma ideia luminosa.

Ideia? Maluquice seria talvez uma descrição muito mais apropriada. Porém, sempre fora assim, agindo por impulso, mergulhando de cabeça. A sua vida era uma longa sucessão de lugares-comuns. Fora, aliás, por esse motivo que acabara por casar.

Agarrou na mão de Issy e disse:

– Anda daí! Vamos dar uma vista de olhos. – E puxou a filha atrás de si, arrastando as suas novas galochas verdes pelo caminho esburacado, outrora coberto de gravilha, que conduzia a uma casa de pedra cinzenta.

Caroline sabia que as casas em Oxfordshire, construídas com a magnífica pedra cor de mel típica das Cotswolds, não costumavam ser *cinzentas*. Supôs então que aquela estava tão encharcada que acabara por desistir e ganhar um tom acinzentado em sinal de derrota e antiguidade. Erguia-se sobre um pequeno outeiro, praticamente em cima do estreito braço de rio lamacento que quase a contornava antes de fazer de novo meia volta. Era uma construção retangular com um pequeno anexo e, de perto, parecia mais sólida e robusta do que à distância. Já não chovia, mas Caroline conseguia ouvir o som da água a correr apressada.

Deixando Issy espedada frente ao celeiro, desamparada e molhada como as ovelhas, dobrou a esquina da casa até um terraço com um muro baixo de pedra que separava a terra da água. À sua direita, o curso do rio ganhava velocidade e tombava para uma pequena represa. Talvez fosse por causa do bonito açude, do rio impetuoso ou do terraço em pedra, mas de repente Caroline conseguia imaginar-se numa tranquila tarde de verão, sentada naquele muro com um copo de vinho na mão, observando o minúsculo afluente correndo sem pressa. Porque seria, interrogou-se, que quando as pessoas sonhavam acordadas o tempo estava sempre bom e a cena envolvia invariavelmente um copo de vinho?

Num tom sério, admoestou-se. Tinha uma filha para criar, sozinha, não tinha dinheiro, não tinha emprego e não tinha marido. Sentiu o peso da responsabilidade arquear-lhe os ombros ao dar-se conta, como tantas vezes acontecera nos últimos tempos, de que já não era aquela rapariga divertida e livre que conhecera o homem dos seus sonhos. Já não era a esposa e dona de uma bonita casa em Singapura, cheia de tempo livre.

Deixara de praguejar frente à filha (embora tivesse ouvido Issy usar uns palavrões fortes ao telefone, achando que a mãe não estava a ouvir. Não saberia ela que as mães ouviam *sempre* as conversas dos filhos; de que outro modo haveriam de ficar

a saber de alguma coisa, uma vez que estes não lhes contavam nada?). Assim, limitou-se a dizer:

– Tens razão, querida. Este lugar não é para nós. O melhor era irmos para França, para junto dos avós.

Os pais de Caroline tinham há pouco tempo vendido a casa onde moravam, em Londres, mesmo antes de ela a poder ter usado. Uma casa em Londres teria sido perfeito. Ou talvez não... Seria mesmo boa ideia Issy andar a deambular por Londres na idade em que estava? E frequentar uma escola na cidade? Suspirando, Caroline pensou que a vida era bem mais simples quando era jovem e descomprometida e tomava decisões baseadas apenas no que ela queria.

– Mãe, olha.

Enquanto Caroline contemplava devaneadoramente o riacho, Issy continuava frente ao celeiro. As enormes portas de madeira, cinzentas como as pedras que as rodeavam, estavam unidas por uma barra de ferro enferrujada. Não era para isso que ela apontava, todavia. Por cima das portas havia um letreiro pintado. Embora estivesse velho e gasto pelo tempo, Caroline conseguiu ler o que dizia: *Bar, Restaurante e Salão de Baile*.

«Salão de baile? Aqui?» O seu cérebro deu um nó.

– Quem viria aqui, mãe? – indagou Issy de repente interessada. – Quero dizer, tipo... Não há ninguém aqui em redor. Não há *nada*.

– É verdade.

Caroline passou a mão pela madeira da porta. Era capaz de apostar que estava ali há muito, muito tempo. O «Bar, Restaurante e Salão de Baile» nada tinham a ver com as origens daquele celeiro.

– Os locais – aventou ela. – Talvez pessoas de Oxford... Estudantes.

– Beber e conduzir? – Issy torceu o nariz.

Caroline felicitou-se por a sua filha de quinze anos saber ao menos distinguir o certo do errado.

– Provavelmente, bebiam refrigerantes – sugeriu. – Repara nestas portas. Que idade terão?

– Demasiada. – Issy virou as costas à mãe.

Caroline sabia que ela estava a pensar na casa de Singapura, tão soalheira e moderna, com chão em mármore e portas de madeira que fechavam como devia ser e nunca chiavam, como sucederia de certeza com aquelas.

– O pai não iria gostar disto – acrescentou Issy, com desdém, cravando um espinho no coração da mãe.

Passara-se um ano desde o divórcio, um ano e meio desde que tinham deixado Singapura. Ocasionalmente, James enviava mensagens de texto à filha. Nunca telefonava, contudo, nunca falava com ela, receando, supunha Caroline, as emoções de Issy. Ou talvez as dele mesmo.

Tal como muitas mulheres, mesmo sabendo que o seu casamento estava a desmoronar-se, Caroline cometera o erro de continuar casada por causa da filha. E se James voltasse a casar, questionara-se. E se tivesse outros filhos? E se cortasse Issy da sua nova vida? Como poderia ela fazer tal coisa à filha, simplesmente porque tomara uma má decisão e casara com o homem errado?

Fosse como fosse, para Caroline, o divórcio também significaria desistir do amor, da sua casa, da sua segurança. Significava responsabilidade. Significava ficar «sozinha».

Descobrira a existência da outra mulher da forma habitual: contas de hotel em cidades onde não era suposto James ter estado, telefonemas estranhos, o recibo de um par de brincos caros que nunca recebeu, demasiadas noites passadas fora, e Caroline recobrava o seu orgulho, pegara na filha e saíra de casa. Tal, contudo, não significara que já não amasse James. Ainda amava; e o mais provável é que fosse amar para sempre.

A sensação de invencibilidade resultante da raiva durou apenas algumas semanas. Depois, quando a adrenalina diminuiu e a realidade se instalou, Caroline teve por fim de reconhecer o

medo que sentia, aquele nó na boca do estômago. «Responsabilidade» era uma palavra grande e agora era toda sua. James devia pagar a alimentação da filha, as propinas escolares, as contas do dentista e por aí fora, e alguns meses pagava, mas outros não.

Primeiro tinham ido viver com os pais de Caroline para Chelsea, mas por pouco tempo, pois estes já a tinham vendido e adquirido uma casa e uma propriedade em França. Depois Caroline arrendou um minúsculo apartamento enquanto Issy frequentava uma escola local, paga pelos avós até James ter sido finalmente ordenado pelo tribunal a pagar a educação da filha e a compensação – muito pequena para um casamento de dezasseis anos – que o acordo pré-nupcial estipulava. Caroline fora uma palerma em tê-lo assinado, mas que sabia ela aos vinte e dois anos? Nessa altura era uma mulher apaixonada e não via mais nada à frente.

E, portanto, ali estavam as duas, passeando pelo campo numa tentativa de escaparem às asfixiantes paredes do minúsculo apartamento londrino, inspecionando um celeiro degradado na margem de um rio com uma tabuleta que dizia *Bar, Restaurant e Salão de Baile*, uma porta que devia ter, pelo menos, duzentos anos e vista para uma pastagem de ovelhas e vacas e um caminho esburacado e enlameado. E o mais curioso é que estava seriamente a considerar comprá-lo. Talvez tivesse sido a ideia de ver pessoas ali a «dançar» bem como o facto de a filha ansiar por um lar que a levara a pensar nisso. Fosse como fosse, tinha a certeza de que o preço seria baixo, tendo em conta a localização (no meio de nenhures) e o estado do celeiro. Para além disso, precisavam mesmo de um teto.

– Eu sei que sou doida, mas gosto mesmo disto – afirmou Caroline, segurando na mão fria da filha entre as suas.

– Oh, mãe – resmungou Issy, fazendo a mãe rir. E depois Issy disse *Ooooh, mãe*, de novo e soltou a mão.

– Não te mexas. Não fales, mãe. Não faças barulho – pediu Issy em voz baixa.

Caroline empurrou os óculos de armação encarnada pela cana do nariz para observar a filha avançar pé ante pé na direção do rio, tão silenciosamente quanto uma pessoa de botas de borracha consegue caminhar. Viu-a ajoelhar-se na erva molhada, esticar os braços e tocar numa pequena silhueta negra, que não se mexeu.

– Oh, mãe – lamuriou-se de novo Issy, numa voz embargada que fez Caroline correr para junto dela.

Issy pegou num gatinho preto, pequenino e encharcado, e segurou-o com todo o cuidado.

– Oh, mãe – repetiu ela, engolindo as lágrimas e aninhando o gato contra o peito. – Posso ficar com ele? – suplicou.

Que outra hipótese tinha Caroline senão dizer que sim? Pelo menos, Issy teria alguma coisa a que se dedicar.

E foi desta maneira que *Brenda*, a gata que se veio a revelar totalmente cega, entrou na família. É claro que Caroline só descobriu isso mais tarde, depois de pagar várias contas astronómicas no veterinário.

